Moderno de nascença: Uma incursão pelas modernidades no Brasil.

Rosangela Manhas Mantolvani[1]
Elídio Nhamona[2]

Em *Moderno de nascença: figurações críticas do Brasil*, organizado por Benjamin Abdala Jr. e Salete de Almeida Cara, os pensadores do presente encontram-se empenhados em desvelar, por meio da literatura e da crítica do passado, as idéias que nortearam o processo de constituição da modernidade brasileira e suas contradições ideológicas.

No ensaio intitulado "Anchieta: Poesia em tupi e produção da alma", João Adolfo Hansen aponta para as idéias e o contexto que motivaram a produção do poema em tupi "Tupána Kuápa [Conhecendo Deus]", do padre José de Anchieta entre 1563 e 1597, como uma das maneiras de difusão da fé católica por meio da língua ameríndia, o tupi. Essa posição do jesuíta em terras do Novo Mundo vem corroborar as decisões e discussões do Concílio de Trento que reafirmava os alicerces da Igreja Católica sobre a Escritura e a tradição, cuja determinação se aplicava aos autóctones, em oposição às teses dos reformistas.

Hansen desvela as oposições entre as teses correntes no século XVI, enfatizando os motivos que levaram Anchieta a compor grande parte de sua obra literária de evangelização em tupi e destaca a pesquisa em documentos que afirmam a importância de mudar os hábitos dos índios e transformar o "falho pagão" em virtuoso cristão católico.

Paulo Arantes norteia suas reflexões sobre o nacionalismo no caso brasileiro, no ensaio "Nação e Reflexão", enquanto investe sobre as idéias de Benedict Anderson, entendendo que a revisão da nação como comunidade imaginada não desconsidera a evidência histórica da desigualdade de classe e da exploração econômica que caracterizam a cristalização moderna da forma-nação. Ele observa os principais pontos enfatizados por Anderson para explicar a transição da condição de colônia à de pátria, e destaca

---

[1]Doutoranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, FFLCH-USP. **Pesquisa**: *Das invasões às fogueiras: os discursos ex-cêntricos em Pepetela e Saramago*. **E-mail**: mantolvani@yahoo.com.br.
[2]Mestrando em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, FFLCH-USP. **Pesquisa**: A poética de Orlando Mendes: Diálogo(s) com o sistema literário moçambicano e com o macrossistema literário em língua portuguesa. **Email**: elidionhamona@yahoo.com.br.

primeiramente as unidades político-administrativas e a movimentação territorial dos funcionários do absolutismo a serviço da expansão ultramarina nas Colônias, seguida pelo aparecimento do jornal e as articulações imaginárias produzidas pelos "rituais" de leitura e sentimento de unidade, construtoras de solidariedades numa base essencialmente imaginada e, finalmente, a circulação do romance, cuja estrutura básica de imaginar o leva a concluir que o romance é um instrumento de apresentação de simultaneidades.

"Cuidado com a ideologias alienígenas" é o título e também o alerta de Roberto Schwarz na entrevista de 1976 a Vasconcellos e Wolfgang Leo Maar, onde mostra a importância do uso adequado de idéias nacionais e estrangeiras em função de um contexto histórico, destacando a marca do atraso brasileiro vinculada a um desajuste nos anos 70 em relação ao contexto internacional. Para Schwarz, "as idéias viajam". E ironiza, argumentando que, em relação à literatura brasileira, no século XIX, "viajavam de barco". Schwarz responde sobre as mudanças ocorridas no tocante às influências ideológicas externas e a prática capitalista no Brasil e, ainda, sobre a função da ideologia no caso brasileiro. Para ele, as idéias se atualizam em outros espaços e tempos, de tal maneira que as ideologias importadas — mesmo as libertárias — "deslocadas" em um país periférico, só podem deixar de sê-lo quando reconstruídas a partir das contradições locais. O ensaísta aponta, ainda, a importância da contemplação e da paródia como formas de apreensão crítica das idéias.

Em "Esqueletos vivos e argumentos indecorosos", Salete de almeida Cara reflete sobre as soluções para o Brasil em Sílvio Romero, José Veríssimo, Araripe Junior e João Ribeiro, incluindo a visão machadiana. Pertencentes a uma elite que via a França, a Alemanha e, posteriormente, os Estados Unidos como exemplos, tinham consciência de seu país agrário, não-industrializado e despovoado. Na crítica, perpassa a ideologia do homem cordial e compassivo para com o negro. Todavia, essa elite esforçou-se em travar uma provável revolução, apesar da consciência de sua impossibilidade, pois o Brasil não possuía estrutura social favorável. Cara nos revela como essas contradições se refletem no romance brasileiro, de forma que o clientelismo e o poder oligárquico apareçam como responsáveis pelo atraso, enquanto a crítica sugeria formas de combatê-lo.

Marli Fantini Scarpelli em "Modernidade e emancipação em Machado de Assis" aborda a crítica machadiana e a discussão sobre a servidão política e literária brasileira. Por meio de um estudo nas "entrelinhas" do texto machadiano, Scarpelli revela como as críticas à política e à sociedade locais são traçadas pelo autor, de forma que dele não escapam as

denúncias da corrupção, do clientelismo e da abolição. Quanto à crítica sobre Machado, acusativa, por parte de Sílvio Romero, de Gilberto Freire e Domício Proença Filho, Scarpelli entende que se encontra patente aos olhos a singular situação de Machado naquele momento histórico. Para confrontar essas idéias e avalizar seu posicionamento, encontra em John Gledson, Octavio Ianni ou Sidney Chalhoub o contraponto às três primeiras. Finalmente, trata de analisar nos contos "Mariana" (1871) e "Pai contra mãe" (1906) as formas irônicas com que Machado trata as relações entre escravos e senhores brancos. Afirma que a acusação à Machado de absenteísmo na questão do negro provém de uma crítica equivocada.

E em "O Fascínio dos confins", Walnice Nogueira Galvão fala da atração precoce de Euclides da Cunha pelo sertão, como um desejo de uma certa elite da época em conhecer o interior do país, apesar de muitos artistas preferirem ir à Europa. É sua participação como correspondente em Canudos que o faz reconhecer e perceber a realidade do sertão. A mesma atração por certos espaços, entende Galvão, pode ser encontrada em autores como Euclides da Cunha, T. E. Lawrence e Joseph Conrad que, em suas diferenças, encontram-se ligados aos espaços do sertão, do mar e do deserto, respectivamente. São esses espaços que constituem os capítulos mais marcantes das biografias de cada um. Em cada um desses espaços, os três autores são membros ativos do Imperialismo finissecular (no caso de Euclides, de um Imperialismo mediado), mas sempre testemunhas do colonialismo.

O ensaio de Maria Augusta Fonseca aborda não apenas a rapsódia *Macunaíma*, de Mário de Andrade, mas diversos documentos de época em que é possível visualizar a construção de relações assimétricas entre as diferentes culturas existentes no país no momento do modernismo e a cidade em que se projetava uma modernidade: São Paulo. Fonseca entende que os vínculos da obra com a oralidade das culturas ameríndias e africanas consolidam a abertura do texto em direção à construção de uma identidade nascida na diversidade cultural brasileira, incluindo a representação do imigrante. Discute a questão da construção "Ai, que preguiça", e a imagem estereotipada do brasileiro no exterior, enquanto outros significados na língua ameríndia são evocados para justificá-la. Sua abordagem de *Macunaíma* inclui, ainda, o viés representativo da sociedade capitalista, cuja entrada do herói para esse universo calculista exige o abandono da própria consciência, onde a "saúva", símbolo da burguesia aliado ao seu representante europeu, o gigante Piaimã, figura do "burguês novo-rico", revela uma faceta perversa do Brasil em suas relações oficiais.

As avaliações de poemas de Carlos Drummond de Andrade, encontram no ensaio "No atoleiro da indecisão: Brejo das Almas e as polarizações ideológicas nos anos 1930", de Vagner Camilo, uma releitura analítica ao enfatizar que o livro tem sido tratado pela crítica com a mesma visão lançada sobre o primeiro. Ele entende que esse segundo livro representa um momento distinto pelo despontar da consciência do precário, enquanto observa a crise que envolve o poeta relacionada à sua indecisão ideológica, dividido entre o interesse pela psicanálise freudiana e uma posição política: um conflito resultante da irresolução do poeta ante a politização crescente da intelectualidade nos anos 1930, dividida entre o comunismo ou o fascismo. Como espécie de "fuga", aparentemente apolítica, a saída para a psicanálise tornava possível a passagem à "Passárgada".

O ensaio do jornalista Vinicius Dantas, "O canibal e o capital..." aborda a coluna "Telefonema" (1944 e 1954), do *Correio da Manhã*, onde foram publicados seiscentos artigos, de Oswald de Andrade, contendo notícias sobre livros, exposições, críticas, apoios, denúncias, matérias do cotidiano, ciência, ou seja, suas preocupações intelectuais e inquietações artísticas, vista como "crônica mundana e cultural, escrita com espírito subversivo de modernista radical". Os percursos políticos de Oswald de Andrade, assim como o tema da Antropofagia, também são abordados por Dantas, que rastreia seus percursos ideológicos e sua opção por um nacionalismo posicionado contra as investidas do capitalismo e da cultura de massa. Dois apêndices são incorporados ao ensaio: o primeiro aborda o vínculo de Oswald com o Partido Comunista e o segundo contém um texto inédito, com uma avaliação de Antonio Candido sobre a Antropofagia.

Em Dante3, especificamente no canto XXIX do "Purgatório", Luís Roncari encontra uma alegoria cromática de três virtudes consideradas teologais: A Caridade, a Esperança e a Fé, alegorias do amor perfeito, cuja relação com Beatriz é estabelecida pela ênfase na cor de sua vestimenta, enquanto observa que a mesma relação cromática organiza-se em *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa. Neste, as virtudes encontram-se fragmentadas, ou seja, associadas a três diferentes personagens femininas: Nhorinhá, Diadorim e Otacília. Na leitura, compara-as, ainda, com conhecidos mitos gregos que figuram como fundamentos da relação entre essas personagens e suas funcionalidades no enredo. Na seqüência, Roncari aborda em *Grande Sertão: Veredas* as formas de relações que se davam entre homens e mulheres no Brasil-Colônia sob o signo do patriarcado, e

---

3Dante Alighieri, *A divina comédia*.

como elas se encontram representadas na obra como tríade — mulher para o prazer, mulher do lar e amigo íntimo —, que pode ser vista, ainda, nas obras de Machado de Assis, Oswald de Andrade e Marques Rebelo. Os efeitos das relações colaterais sobre o Código Civil de 1912, quando os costumes patriarcais se transformam em lei, também não escapam à sua crítica.

No ensaio "Roger Bastide, intérprete do Brasil. Africanismos, sincretismo e modernização", Fernanda Arêas Peixoto avalia a produção do sociólogo francês que, durante dezesseis anos de estadia no Brasil, relegou uma obra "nascida do corpo-a-corpo com outras, através de discordâncias e debates". Peixoto trata de focalizar a recorrente noção de sincretismo e o debate sobre modernização e tradição nos escritos bastidianos, onde encontra a presença de uma África sutilmente mascarada na literatura, analisando, ainda, seus estudos sobre o folclore. Ao confrontar os trabalhos de Bastide e Florestan Fernandes, a ensaísta observa que ambos enfatizam e distinguem as relações entre cultura tradicional e modernização, pois enquanto em Florestan a questão do preconceito encontra-se associada a um problema de classe social, em Bastide há a problematização do mito da democracia racial de forma explícita, revelando um ceticismo em relação aos processos modernizadores.

Benjamin Abdala Jr. trata da "*Formação da Literatura Brasileira* (1959), de Antonio Candido", no ensaio de mesmo título, a partir de uma breve descrição do percurso do crítico pelo Sudeste do Brasil e suas relações com o contexto sócio-político brasileiro nas décadas de 1930 a 1960. Ele compreende que a *Formação...* organiza-se como uma definição dos traços da imaginação coletiva no momento de nossa nação politicamente independente, destacando pontualmente as análises que Candido articula sobre os dois momentos "indigenistas" brasileiros: o do Romantismo e o Modernista, observando as semelhanças e, principalmente, as diferenças em relação ao contexto histórico-nacional. Abdala Jr. destaca a dialética da contradição que marca a *Formação...* como a realização da prescrição de Machado que "não deixa de receber conscientemente influxos dos sistemas literários de outros países com os quais se articula ao brasileiro", combinando-os com as sugestões locais, formas de nosso imaginário que se fazem assim universais.

No ensaio "Mario Pedrosa e a Bienal", Francisco Alambert encerra o livro, discutindo tanto o papel da Bienal e sua relação com o Museu de Arte Moderna de São Paulo quanto o papel de Mario na direção da VI Bienal, que diferenciou-se das demais em função do vanguardismo e da absoluta inovação. Nesta, o caráter de originalidade

encontrou-se associado a uma certa tradição que colocou em cena tanto o "viés museológico" do evento quanto o encontro com uma arte desalienada e a vanguarda neoconcreta: um confronto entre as novas formas e a tradição "marginal". A VI Bienal reuniu, ainda, as inovações no campo do cinema, com a estréia do Documentário brasileiro e do Cinema Novo, representando, segundo Glauber Rocha, uma espécie de "Semana de 22" para o Cinema. A partir daí, a Bienal se integra ao mercado das artes, parecendo-se cada vez mais com o *commodities* do capitalismo financeiro: um golpe nas artes que antecipa o golpe político, bloqueador das forças transformadoras que a Bienal de Mario Pedrosa ousou invocar.

Dados de publicação:

Benjamin Abdala Jr. & Salete de Almeida Cara (orgs.). *Moderno de nascença: Figurações críticas do Brasil*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006.